



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Caractero-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## GRUPO DE HOMENS SOB A VISÃO DA ORGONOMIA E DA SISTEMÁTICA DA VEGETOTERAPIA CARACTERO-ANALÍTICA

**Aquiles Paiva**

O interesse em trabalhar com grupo de homens surgiu da observação clínica com meus pacientes masculinos ainda na década de 80, demarcada que foi pelo fim do período da ditadura e de uma progressiva intenção da sociedade brasileira em se reestruturar para viver novos tempos de liberdade e de autonomia. Fui percebendo no cotidiano do consultório que tal período de transformação na população masculina dos pacientes era cercado de significativa dificuldade e desproteção diante do novo paradigma social que se apresentava. Considerando que na década de 80 os movimentos feministas tinham conseguido sua expressão no cenário mundial conquistando espaços que anteriormente faziam parte quase que exclusivamente do mundo masculino, eu percebi que a falsa proteção dos anos de exceção cujo modelo era baseado na austeridade militar, na moral judaico cristã, nos valores que se seguiram ao pós guerra norteando os anos 50 e 60 e nos anos que se seguiram a ditadura os quais só contribuíram para uma desaceleração do crescimento individual das pessoas por conta do controle de informações dentro do país e do fechamento do intercâmbio de informações com outras nações tanto da tecnologia, artes, assim como o acesso as novas orientações que o mundo desenvolvido acenava. Muitos dos homens que eu atendia nesta época pareciam envelhecidos, muito embora fossem jovens e aparentassem viver com uma sensação de espanto estampada na face parecida com os povos dos países comunistas após a queda do regime, cuja sociedade havia parado no tempo e não estava preparada para a onda de progresso agora capitalista e principalmente com a velocidade com que o novo paradigma social se apresentava.

A competição profissional agora era disputada por mulheres e não somente por homens. Elas não eram mais do lar, eram também do mercado de trabalho "mas, a minha mãe era... sinto muito não é mais assim. Mas, eu fui preparado (em preto e branco) para sustentar e mandar... sinto muito, nossa amizade (agora colorida) mudou". Foram eles percebendo que elas não só fumavam e dirigiam, mas disputavam e despediam. Podiam estar só ou em grupos aonde a presença masculina muitas vezes não era bem-vinda ou mesmo necessária.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Caractero-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Haviam eles envelhecidos ou o que? Não, eu não os via envelhecidos, mas confusos. Alguns haviam tentado a “via da submissão” portando-se agora de forma infantil, aceitando a proteção materna de mulheres que gostavam daquele tipo desprovido de energia, mas que adaptava-se a um papel novo, oposto ao que até então desempenhara, tornando-se agora meigo e doce, dependente e apático. A crise de identidade fez com que alguns destes homens tivessem que rever a escolha de sua maneira de manifestar sua sexualidade, a confusão era de tal grandeza e a troca de papeis e a identificação com os valores femininos tão intensa que a identidade masculina destes pacientes estava comprometida. As crises de depressão cada vez mais presentes aonde o quadro confusional se acentuava. No final da década de 80 no meio desta readaptação social, aconteceram as eleições diretas para presidente de republica. Momento de escolhas! Vimos então surgir para nos salvar o nosso super-homem tupiniquim, com pinta de Carlos Gardel iuppy provido de um nazi – discurso enaltecendo a raça ariana da “minha gente”. Ele tomou o poder vencendo o seu opositor, que ficou confuso e deprimiu no ultimo debate na televisão (técologia da liberdade!) e com seu sistema imunológico abatido por um “vírus” que lhe deixou gripado e sem energia. O inexperiente perdeu, não soube agir como os poderosos. Era a luta entre o novo e o velho jeito de “funcionar” masculino. Ou seja, era necessário para a sociedade uma mudança na maneira de atuar ao lidar com a nova realidade. Seriam novos os tempos e uma nova organização do masculino se faria necessária. Com mais transparência nas atitudes, mais clareza nas decisões, saber incorporar os novos valores, com mais “espaço” para expressar os seus sentimentos e ser capaz de expressar sua fragilidade quando assim se sentisse. O que nós vimos depois nas suas “demonstrações de fim de semana” realizadas pelo nosso presidente na época apontava em outra direção.

Naquele momento da história eu via a repercussão que tais fatos produziam no microcosmo do meu consultório, o reflexo da atuação destas figuras publicas (cujos debates na televisão mobilizavam intensamente as pessoas) mostravam que a desorganização que ocorria no mundo masculino não era devido a uma só causa, como por exemplo a emancipação feminina, mas de uma somatória de fatores novos que exerciam influencias e conclamavam para que se construísse um novo paradigma aonde o homem pudesse recuperar a sua pulsação e viver segundo seu movimento natural respeitando suas escolhas e sem que para isso tivesse que criar uma nova couraça, tão rígida quanto aquela que deveria abandonar, aprendendo a viver mais do seu cerne e menos na sua periferia.

Eram três diferentes modelos da época, uma mistura de passado impotente, futuro incerto



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Carácter-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

e outro submisso tendendo a manutenção do status quo para sobreviver. Corporalmente víamos no primeiro candidato a presidente (que se sentia mais ameaçado) um olhar com menos energia, o pescoço atrofiado, ombros roliços, peito desvitalizado e um ser mais resignado em contrapartida do segundo candidato que tinha um olhar frio e controlador, a fala agressiva, o pescoço rígido e o peito endurecido e empinado, totalmente encorajado. Ambos tinham esquema corporal diferente do terceiro modelo (o eleitor?!) aquele que se propunha viver na dependência do outro (a mulher), cuja energia corporal era mais aparente porque era menos gasta (o outro gastaria por mim) e o corpo embora mais harmonioso, mostrava as marcas de um indivíduo que não tinha pernas para se sustentar e um tônus muscular mais hipotônico que necessitando de um apoio para estar no mundo. Estes modelos da época estavam longe de suportar as mudanças necessárias para os novos tempos que deveriam vir. A menos que se opta se por um continuísmo. A escolha do candidato vencedor apontou nesta direção.

Início dos anos 90 e eu decidi por em prática uma proposta de trabalho que visava atender o masculino. A busca do homem natural, que pudesse reaproximá-los de sua verdadeira potência a partir de um restabelecimento de si como um ser psico afetivo corporal ( energético ).

Junto com um grande amigo e terapeuta, André Samson que estava recém chegado da Inglaterra aonde havia vivido e estudado no centro de Gerda Boysen, introdutor que foi dos primeiros cursos de Biodinâmica e fundador do Instituto de Biodinâmica em São Paulo, montamos nossos primeiros grupos de homens, que tinham o seguinte esquema de funcionamento: Reuníamos com 10 ou 12 participantes e trabalhávamos temas específicos pré-determinados e com prazo determinado para acabar. Algo em torno de dois meses a três. Eram encontros semanais e numa parte do tempo sempre havia uma atividade corporal. Fizemos alguns grupos, mas eu não estava satisfeito, havia uma limitação na forma de trabalhar e eu decidi no final de 1993 que no próximo ano eu iniciaria um novo grupo com uma outra proposta. André decidira por se dedicar mais ao instituto, fortalecendo assim o seu sonho.

Minha proposta era a criação de um grupo de desenvolvimento humano que não teria um prazo pré-estipulado para terminar. O término do grupo é importante e necessário para aprendermos a lidar com temas como a morte, a separação e aceitar as mudanças de final de ciclo. O não estabelecimento de prazos fixos nos daria a possibilidade de acompanhar as transformações pessoais e do grupo através do tempo (inclusive a minha) e seria a preparação para a mudança final que se daria como se dá na vida, cabendo a nós aceitar o final do ciclo e estar preparado para o novo ciclo que virá.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Caractero-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

O numero máximo seria de 8 participantes, que não se conhecessem e com uma diferença de idade de no máximo quinze anos. Todos gozando de boa saúde. Os encontros seriam mensais no meu consultório, dez vezes por ano. Alguns que estavam fazendo o tratamento individual comigo foram convidados para serem auxiliados nas suas questões masculinas. Iriam para um grupo em que logo perceberiam que não era o do futebol de fim de semana, nem dos ex-colegas da escola. Recebi pessoas que não estavam em tratamento comigo, mas que por algum motivo sabiam da minha existência e da minha proposta de trabalho com as questões masculinas. Fiz entrevistas e no final estavam lá os oito escolhidos. Formando uma nova constelação aonde não haveria filho único, só irmãos.

Não queria que achassem que era um grupo de psicoterapia convencional, mas o que nós estaríamos vivenciando juntos era um grupo de homens que iriam discutir e vivenciar questões relacionadas ao universo masculino.

Eu estaria agindo como um elemento facilitador, que estaria ali para acolhê-los nas suas demandas, sem interferir nas dinâmicas mas atento para que fossem tomando consciência do coletivo e da interferência mutua; situações que ocorrem no grupo e interferem no processo individual e o movimento individual que atingem o coletivo. Eu tinha pacientes cuja terapia individual continuaria paralela ao grupo e eles eram beneficiados por isso, mas constatei no grupo dinâmicas diferentes das que apareciam nas sessões individuais, como um movimento novo, de mais autonomia e eles precisavam ser ajudados. É importante dizer que a comunicação em grupos de homens é sempre muito racional e aparentemente eles nunca vêem problemas em estar ali. Uma atitude de “arrogante submissão“. Temos que lembrar que eles eram filhos do modelo social descrito no inicio e estariam fazendo naquele micro sistema a passagem que não era havia sido possível fazer no macro.

A sistemática da metodologia da Vegetoterapia Caracteroanalítica de Federico Navarro, dá o ritmo ao trabalho, associada a outras técnicas de abordagem corporal que auxiliam nas vivencias corporais. Mas é a sistemática da metodologia que mapeia e da o referencial do posicionamento do grupo dentro do processo de desenvolvimento.

Os trabalhos corporais tinham um direcionamento da energia sempre encéfalo caudal.

Na primeira fase do grupo abordei os três primeiros níveis Reichianos que são os níveis pré-genitais segundo a sistemática da Vegetoterapia. Os trabalhos visariam a recuperação dos órgãos do sentido e conseqüentemente a parte mais longa e exaustiva do trabalho por ter as defesas mais primitivas e mais bem estruturadas, necessitando de um empenho na identificação e



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Caractero-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

dissolução das resistências mais atuantes, para que a dinâmica grupal pudesse acontecer dentro de uma linha de desenvolvimento ritmado e sem grandes períodos de estagnação.

É importante antes de seguirmos adiante que eu relate duas coisas. A primeira refere se a um aditamento no contrato que foi a inclusão de um encontro em Visconde de Mauá, todo primeiro semestre e que se iniciou em 1995 e permanece ocorrendo até hoje.

Tem a duração de três a quatro dias de trabalho. É uma vivência intensa porque a convivência é ininterrupta.

A segunda é que diferentemente das sessões individuais aonde a sistemática dos actings segue a metodologia sem sofrer alterações, no caso do grupo ela foi adaptada as circunstâncias e os actings como propõe Federico eram trocados por outra atividade que trabalhasse o nível ou os níveis de forma diferente. O necessário é que tenhamos a localização correta do nível a que se esta propondo atingir e a musculatura pertinente ao mesmo, buscando a recuperação da sensação, a consciência do nível trabalhado e sempre objetivando seu desbloqueio. A escolha da abordagem estará associada à dinâmica do grupo e será inserida neste contexto. Independente das questões masculinas, eu como terapeuta tenho através das entrevistas iniciais e depois com a leitura da dinâmica do grupo a possibilidade de estabelecer um diagnóstico que me permitirá uma melhor compreensão do tipo de grupo que é aquele que estou lidando, como inserir as técnicas que poderão ajudá-los junto das adaptações que forem necessárias. O importante é poder fazer a leitura do movimento do vivo e ter funcionalidade ao agir.

Retomando o relato; as dinâmicas iniciais, como em todo inicio de grupo são cercadas de elementos paranóides devido ao desconhecido que estará presente a todo o momento. Mesmo desejando estar lá participando, o desconhecido intensificava as defesas pré-existentes. Como eu já havia dito neste tipo de grupo as defesas mais corticais são as mais presentes. Os relacionamentos em um primeiro momento tendem a ser de camaradagem e com muita sedução, e desta forma tentar esconder o medo e a desconfiança.

Aspectos da estrutura borderline dividem os membros do grupo entre os mais dependentes e os falso independentes. Estes aspectos surgem devido à identidade enfraquecida, sendo que o relacionamento com o outro neste momento precisa ser mais superficial e ameaça seu cerne fragilizado. Também é presente a raiva que nem sempre é expressa (substituída pela relação superficial de camaradagem) cuja função é encobrir sua dor. A desconfiança diante do julgamento do outro e o medo da sua não aceitação poderá ser expressa por um elemento emergente. Tais mecanismos vão sendo apontados na dinâmica grupal. Por exemplo, em uma das primeiras



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Carácter-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

sessões o tema “de cara” a ser escolhido foi a sexualidade e dito de uma forma tipicamente masculina (muito seguros de sua escolha) que o grupo no final do encontro trocou pelo tema do medo (verdadeiramente seguros de sua escolha). Situação muito comum de ocorrer em um grupo de homens. A propósito, “não lembro” por quanto tempo trabalhamos o tema.

Todas estas dinâmicas iniciais estão relacionadas ao primeiro campo de desenvolvimento neuro afetivo do desenvolvimento e que é relacionado á figura materna. A necessidade de proteção vai aos poucos sendo expressa e na medida que conseguem falar da sua fragilidade, vão aos poucos dando espaço interno as emoções que não precisam ser mais negadas, com o grupo dando continente, o participante sente que sua dificuldade estará sendo compartilhada com os outros e com o terapeuta dando a ele o apoio necessário para se sustentar, trazendo para o coletivo uma possibilidade de reconstrução das dinâmicas grupais.

Nesta fase, o sentir ainda aparece menos que o pensar e o pensar é muitas vezes confundido com o sentir e devido a este estado confusional eles “falam / sentem” seguindo o velho aprendizado social que foi uma das origens do seu encorajamento.

Sem perder o foco do objetivo que é recuperar a identidade masculina, eles vão se dando conta de que não se trata de um “grupo misto” e que a energia feminina que esta ali presente provém da alma feminina de todos aqueles homens.

O grupo tem agora uma segunda etapa, ligada ao segundo campo neuro afetivo do desenvolvimento que é o familiar.

Aqui é possível observar que o que era até então camaradagem vai dando lugar a uma verdadeira solidariedade. O reconhecimento de si e do outro esta mais claro e as dinâmicas primarias dão lugar ao surgimento de relações de trocas entre os membros do grupo. Aspectos emocionais são vivenciados com mais intimidade e a referencia coletiva mais efetivada. Os ataques ao terapeuta ou ao próprio grupo diminuem não sendo tão constantes existindo uma relação mais funcional entre eles e com o terapeuta. A alegria e a tristeza são identificadas e expressas, de maneira que “já posso me permitir ser acolhido e me permitir ser acolhedor”. É a sensação grupal de pertinência, é um grupo mais vivo.

Nas vivencias corporais, no final delas, coletivamente dão continente ao elemento ou a um sub-grupo trabalhado, assim como os indivíduos trabalhados individualmente dentro do grupo recorrem agora ao grupo para que este participe do seu processo pessoal e aceita a ajuda, porque tem olhos para discriminar, já tem escuta, tem mais sustentação, maleabilidade no pescoço que lhe permite confiar e dividir e tem peito para sentir. Nesta fase do trabalho, é



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Caractero-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

importante relatar que estes homens muitas vezes passam a ter uma relação diferenciada no âmbito familiar, sendo que as novas organizações são necessárias dentro do casamento, com os filhos, no trabalho e nas amizades. A mudança na postura e o redercionamento das prioridades são temas recorrentes e conseqüentemente aprofundados. A velha figura já não consegue sobreviver e toda velha dinâmica é revista. As crises no cotidiano são mais constantes porque afinal “ele não era assim, desde que foi para esse tal grupo ficou desse jeito“. Isto não quer dizer que “ficou“ somente pior, ao contrario, hoje ele vive sua homoafetividade com os amigos, é mais amoroso com os filhos, revê consigo e com sua parceira a sexualidade, mas também desfaz relações, podem se casar de novo, trocar de emprego, estabelecendo melhor os seus limites.

Os trabalhos corporais visam os quarto e quinto níveis. Pseudo-genitais segundo a metodologia de Federico Navarro .

É uma revolução que lhes prepara a saída para adentrar no terceiro campo de desenvolvimento neuro afetivo que é o campo social.

Nesta fase, a relação do grupo com o terapeuta é diferente. O grupo tem mais autonomia e busca autogestão, tendo mais facilidade para se organizarem, mais intimidade e no caso do grupo de homens, já podem ter diferentes vivências entre os membros, que se organizam e executam atividades fora do grupo. Este procedimento dá a eles uma relação de autonomia que lhes permite ir e vir. Os membros acolhem as suas escolhas sem sentirem insegurança ou medo de vir a perder o outro, não se sentem excluídos. A confiança no sentir lhes dá o respaldo necessário. Fica patente a diferença no relacionamento com o outro São agora capazes de serem menos individualistas nas suas atitudes, fazendo inclusões aonde antes sequer sabiam que poderiam vir a fazer com o próximo. Sentem menos ameaça e seu afeto é mais universal. Sua postura mais humana.

O terapeuta é um amigo. Os outros são os irmãos de sangue. Pacto indígena que traduz o encontro que se dá agora entre eles. Há nesta fase o fechamento de um ciclo e o início de um outro. E ao iniciar um novo ciclo estes homens estarão mais conscientes com seus afetos mais presentes em suas atitudes. Suas identidades mais fortalecidas o tornam mais potente e estruturado. Sua saída pessoal será encontrar sempre o seu lugar nas novas relações com um olhar que vê a si e os outros. Sua relação com o feminino será de companheirismo, amizade e amor. Sua sexualidade mais intensa e sua pessoa mais interessante, pois é mais criativo, mais alegre mais humano.

A espiritualidade nesta fase e traduzida pela forma com que eles incluem e lêem seus



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Caractero-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

movimentos mais intuitivos. Primeiro intuímos e depois pensamos como diz meu amigo Alfredo Alemand, orgonoterapeuta. A intuição a meu ver é a expressão do cerne que é perceptiva a nós.

Neste momento nos preparamos para a transformação que dará uma nova forma a relação, é o final do grupo como existiu até aqui.

Um olhar para a vida, esta é a visão da Orgonômia que esteve sempre presente, observando a evolução do vivo. Nem sempre é fácil traduzir aquilo que acontece nas vivências que são feitas de momentos (tente relatar a luz do luar). As técnicas auxiliares como a meditação, o Healing, os trabalhos de consciência corporal, os alongamentos, as escaladas, as cavalgadas, as cavalgadas noturnas, a motocicleta, a bicicleta, o mergulho, as caminhadas, as corridas, os rituais, a dança, a poesia, as performances, as lutas, o Aikidô, as quedas, o futebol, as disputas, os filmes, o cozinhar, a gastronomia, a fome, a sauna, a cachoeira, as fraturas, os primeiros socorros, o cantar, os actings, a chuva, o rio

, as nuvens, o orgone, o frio, o calor, o rir, o chorar, os ganhos, as perdas, a morte, a vida, o resto ... tudo isto ajudou e vem ajudando na recuperação do ritmo biológico natural e da pulsação destes homens. Tornar este século mais possível, este país melhor. Interessante, pois aquele homem que perdeu lá atrás, hoje é o vencedor, e nós todos somos novamente testemunhas de que o povo invadiu as ruas (e o palácio) para dizer que acreditam nele e que nossas esperanças estão depositadas naquele que se permitiu chorar aonde tantos enrijeceram e esconderam-se de si mesmo, naquele que hoje não tem medo de se comprometer publicamente em todas as suas falas, aonde estiver, lugar este onde tantos estiveram, sem sequer lembrar: “o que é mesmo que eu estou fazendo aqui...não importa... eu me basto”.

É a possibilidade de pensarmos mais coletivamente e menos individualmente.

A história não para e nós estamos (neste momento) aqui, testemunhando a tudo.

De qualquer forma, se novamente não der muito certo e caso seja necessário posso conseguir uma vaga para ele no meu próximo grupo de homens.

Sinceramente, espero que não.

A propósito, eu não pertencço e nem tenho nenhum partido político a defender, não sou anarquista e como só estou aqui de passagem, tenho o gosto de olhar a vida e contemplá-la.

## REFERÊNCIAS

NAVARRO, Federico. **Metodologia da Vegetoterapia Caracteroanalítica**. São Paulo: Summus, 1996



### COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

PAIVA, A. Grupo de homens sob a visão da Orgonomia e da sistemática da Vegetoterapia Caractero-analítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

NAVARRO, Federico. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995 REICH, Wilhelm. **A função do Orgasmo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988

SERRANO, Xavier. **Contacto - Vínculo – Separación**. Valencia: Publicaciones Orgón, 2000

MACIOCIA, Giovanni. **Os fundamentos da Medicina Chinesa**. Ed. Roca, 1997 BLAY, Robert. **João de ferro**. Ed. Campus 1991

---

**Aquiles Paiva / São Paulo / SP / Brasil**

**E-mail:** cucapaiva@hotmail.com